

## Arte - da fantasia ao real<sup>1</sup>

*Soraya Valerim*

"Se queres ser universal, canta tua aldeia". Essa frase, baseada num dito de Tolstói, remete à concepção do particular que pode tocar a muitos. Ou seja, uma diferença universal nos unifica. Cada um de nós vive seus dramas, semelhantes aos de outros homens, mas que mesmo assim guardam sempre uma dimensão de exclusivo. E é justamente ao tentar expressar esse exclusivo que a arte pode tocar o mais universal. É o desafio que enfrenta o artista: fazer com que sua obra faça eco no outro, que consiga tocá-lo, que faça laço.

Podemos, desta forma, relacionar a arte à psicanálise que, tendo um corpo teórico acerca da subjetividade do homem de nossa civilização, mesmo assim preserva a orientação dada por Freud de tomar cada paciente como único. Isto significa uma aposta na construção de uma resposta singular às dores comuns advindas do existir. Até porque para lidar com a incompletude não há uma resposta pronta.

Na construção da psicanálise, Freud concebe uma teoria que toca no universal da nossa civilização a partir do mais íntimo dele mesmo e dos seus pacientes, acessado via análise dos sonhos, dos sintomas, dos chistes e lapsos.

Miller, no Curso de Orientação Lacanianiana, *Coisas de fineza em psicanálise*, diz:

"O termo 'singular' traz consigo o distante de qualquer comunidade, nada comum, fechado em si mesmo. Isto não é o particular. O que nos é particular é o que temos em comum com alguns. O particular é o que permite formar classes

clínicas, é o que se assemelha de um sujeito para outro. [...] A clínica se faz no nível do particular. Evidentemente, isto não é o universal, ou seja, aquilo que vale para todos”<sup>2</sup>.

Vejam os em que, a partir daí, a psicanálise pode aproximar-se da arte que, envolvida com essas questões do singular, do particular e do universal, possibilita, ao abordar o mais íntimo, expressar esse singular de modo a atingir o mais geral.

Para Rosenfeld, crítico de arte, os fenômenos individuais apresentados numa obra contêm o fenômeno geral. Mas, o que é apresentado ao mundo que possa ser tomado como arte? Isto é, quando dizemos que se trata de um produto, de uma obra de arte?

Talvez a psicanálise possa ajudar a responder estas questões se tomarmos a obra de arte como objeto e, a partir disto, ver o que aquela tem a dizer justamente sobre o objeto.

Para a psicanálise, o objeto é o que há de mais variável para os seres humanos. À diferença dos animais, que têm um modo fixo de satisfação guiado pelos instintos, nós humanos apresentamos uma plasticidade infinita na relação com os objetos tomados para nossa satisfação. Incluindo aí o outro como objeto, na medida em que recorreremos a ele para satisfação. Como exemplo de que o objeto para o homem não é o objeto do instinto, podemos pensar na variedade de costumes referentes à alimentação, necessidade básica para todo ser vivo, e como ela se apresenta de forma variada para os homens. Desde as diferenças culturais relativas ao alimentar-se até os casos em que alguém pode comer até as raias da morbidez, ou não comer, mesmo diante da ameaça de morrer de fome.

A partir do fato de que os objetos com os quais lidamos sempre estarem aquém de nos proporcionarem uma satisfação plena, diante da constatação de que todos os

homens fazem referência a algo que lhes falta, a uma insatisfação recorrente, a psicanálise concebe que há, para cada um, a suposição de um objeto perdido. Suposição esta que, mobilizando toda a vida de cada um, inclui a ideia de que seu resgate supostamente estabeleceria a completude.

Vejamos, então, como se constrói o objeto para cada sujeito, pois mesmo estando diante de um universal, ao menos para todos os sujeitos ditos neuróticos, ele aparece para cada um de uma forma singular.

Há a intervenção da mãe - ou de quem exerceu a função de mãe -, que retirou esse ser vivo de um estado de coisa, que deixou impressa nele a marca de objeto de satisfação, de um objeto associado a essa falta, matriz de todos os objetos que entrarão no circuito como desejáveis. Mais do que objeto de desejo, dizemos causa de desejo, porque embora motor do desejo, nenhum objeto preencherá plenamente essa falta. E ainda bem, porque se existisse tal objeto seria a morte, pois acabaria todo movimento que é a própria vida.

É recorrente o tema do resgate do paraíso perdido, de um estágio da civilização que, supostamente mais próximo da natureza, seria sinônimo de menos falta, da infância como a época em que se era feliz e não se sabia. Quantas produções foram feitas em cima dessas fantasias!

A entrada na cultura coloca o homem frente a uma perda irreparável que tentamos simbolizar, sem conseguir integralmente. Embora se possa conceber que haveria uma alma-gêmea, uma metade da laranja, que restabeleceria uma unidade, não se pode escapar da impossibilidade de complementaridade. Uma tentativa preponderante de responder a isso pode ser vista em uma vasta produção cultural baseada na fantasia de encontrar o Outro da completude, e de ser tudo para esse Outro. É o que se esconde por trás

dos romances, dos heróis. E foi isso que alimentou toda a indústria hollywoodiana, com seu cinema de final feliz.

A cultura é justamente o resultado das tentativas de lidar com os impasses e limitações do viver, oferecendo a cada um de seus integrantes saídas organizadas e que propiciam integração e reconhecimento por parte do grupo. É o que Freud vai chamar de sublimação, ou seja, formas de satisfação, desviadas da satisfação sexual direta. São elas a arte, a religião, a ciência. Lacan diz que são três formas organizadas de lidar com o real. Real para o qual está apontado o trabalho de uma análise, para além da fantasia, modo clichê de ver o mundo. Uma psicanálise é dirigida para o real.

Da mesma forma, obra de arte, na acepção da palavra, seria aquela que também apontaria para o que está além, aquém, atrás, da imagem que a arte apresenta, desse véu, além até das apresentações do belo.

É como Lacan vai conceber a obra de arte? Vamos tomar dele dois modelos paradigmáticos. O modelo do vaso, do pote, que dá forma ao vazio, que é a produção ao redor do vazio, não para tapá-lo, mas justamente para fazê-lo aparecer. E o modelo do quadro *Os Embaixadores*, de Holbein, no qual, conforme o ponto de onde ele é olhado, o que aparece, afora os grandes emblemas do poder e do saber da época, é uma caveira. Querem algo mais da ordem do real do que uma caveira?

A arte é uma produção que utiliza recursos imaginários e simbólicos para abordar o real, sem pretender velá-lo nem domá-lo, mas sim trazê-lo à cena, dar a ele um contorno possível que permita a sua aparição.

Uma obra de arte é uma forma singular, única, expressão desse real, que comunica de alguma forma, porque toca nesse real comum a todos, real para o qual não há uma resposta acabada para os seus enigmas. Nem nunca haverá.

Na medida em que na contemporaneidade o Pai, Deus, o Mestre dá cada vez menos conta, está cada vez mais decaído e o desamparo aparece mais gritante, as respostas que a arte constrói também são cada vez menos da ordem do velar o real do que de exibi-lo. A arte sai cada vez mais dos enquadramentos e dos sentidos, e aparece cada vez mais como objeto solto, perdido. O objeto de arte, que tem seu valor embasado no discurso, vem justo dizer que não há objeto para a satisfação, que qualquer um poderia estar ali, dependendo do lugar em que é colocado pelo Outro.

O objeto destacado, hipervalorizado, descolado do corpo, é o que vemos, por exemplo, nos filmes *21 Gramas* e *Babel*, do mexicano Iñárritu. Trata-se de dois filmes nos quais um elemento comum permite ligar algumas pessoas, conectando o indivíduo e seus dramas ao outro. Nestes filmes, um coração humano e uma arma respectivamente - objetos que não são qualquer coisa! - aparecem nas suas dimensões de real. Diante destes objetos que se impõem, vemos o esforço dos personagens para lidar com suas forças avassaladoras. À mercê dos acasos, sem vilões nem heróis, tentando fazer laços, soltos, provisórios, os entrecruzamentos dos personagens expõem na tela que, perante nossas fragilidades, não há garantia nem regulação.

No cinema atual, ou melhor, num cinema atual com uma proposta de arte, o real tem aparecido como contingência, como aquilo sobre o qual não há controle nem previsibilidade. As histórias se desenrolam a partir de um fato inesperado, de um acidente desconcertante, de um acontecimento imprevisto. Às vezes recorre-se a uma fantasia, uma "historinha" para enquadrar esse real, para tentar dar-lhe um sentido, tentar colocar na ordem simbólica, coletiva o que foi tão particular. Mas sempre debochando, ridicularizando o *happy end*. Sem ilusões.

Uma obra de arte tem a capacidade de permitir ao espectador colocar-se a uma distância tal que possibilite

ver ali algo que fale dele, mas que ao mesmo tempo o protege, o preserva de ser tragado por esse real que ela apresenta.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em (outubro de 2010). *Arteira - Revista da Seção Santa Catarina da Escola Brasileira de Psicanálise* (3). Florianópolis: EBP-SC, pp. 125-128.

<sup>2</sup> Miller, J.-A. (10/12/2008). "São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (55). São Paulo: Eólia, pp. 29-30.